

**Latusa digital – ano 6 – N° 38 – setembro de 2009****A psicose ordinária do ponto de vista borromeano\***

*Pierre Skriabine\*\**

Vou tentar abordar aqui a psicose ordinária do ponto de vista topológico. Não posso evitar retomar alguns conceitos de base sobre os quais se fundam a topologia de Lacan e me desculpo diante daqueles que já estão familiarizados com eles. Mas é sempre útil reinterrogar sem descanso os princípios fundadores dessa aproximação estrutural e topológica e colocar suas consequências clínicas à prova da prática, ou seja, mostrar em que ponto eles podem guiar e sustentar os clínicos que somos.

Não vou fazer um histórico completo dos desenvolvimentos topológicos no ensino de Lacan. Passaremos imediatamente a seu último ensino que constitui uma *épura* e se funda nos nós. Contrariamente ao que vocês talvez pensem, *épura* é algo simples.

*I. Para introduzir a topologia borromeana*

Doze considerações curtas para guardar na memória:

1. O outro não existindo, a experiência humana se estrutura em referência a três categorias da experiência analítica explicitadas por Jacques Lacan com os nomes de real, simbólico e imaginário.
2. Esses três registros são verdadeiramente heterogêneos e não têm nada em comum.

---

\* Texto originalmente publicado com o título "La psychose ordinaire du point de vue borroméen". Em: *Quarto* nº94/95. *Revue de psychanalyse* ECF-Bruxelas, junho de 2009, p. 18-23.

\*\* Analista Membro da Escola – AME. Membro da École de la Cause Freudienne (ECF), da New Lacanian School (NLS) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP).

3. Para sustentar-se na "realidade humana" (realidade do discurso), para fazê-la consistir em suas três dimensões, para criar e manter um laço social com seus congêneres, o sujeito precisa sustentar esses três registros juntos, deve encontrar uma medida comum.

4. Assim, o ser falante e o sujeito que se produz como proteção ante o real que escapa ao significante e à imagem – como tal insuportável – precisam fazer consistir uma "realidade" que não tem qualquer existência intrínseca, porque é apenas um véu tecido de imaginário e de simbólico que serve para recobrir o real.

5. Essa proteção, que permite um discurso se desenvolver e fazer laço, implica a contrapartida da limitação do gozo sem limites da Coisa primordial, quer dizer, da mãe. Essa limitação procede da colocação da função do pai: a interposição, a interdição do incesto, a colocação da lei simbólica.

6. O papel da metáfora paterna, substituição do Nome-do-Pai pelo Desejo da Mãe, permite um acesso ao discurso mediante uma perda de gozo. Em termos freudianos, trata-se nada mais, nada menos, da castração.

7. O Nome-do-Pai realiza, assim, enquanto *Bejahung* (dizer que sim) da realidade da castração, o acesso do ser falante ao universo do discurso e à proteção contra o real que permite a instauração do laço social.

8. Em outros termos, a função do Nome-do-Pai é sustentar junto, para cada sujeito, um por um, o real, o simbólico e o imaginário, para permitir-lhe fazer consistir uma realidade sem existência, mas onde ele pode, no entanto, desenvolver o laço social no campo dos discursos.

9. O Outro é falho, assim como o sujeito. Mas, não há Outro que não seja às vezes completo e consistente. Isso sustenta a própria estrutura do significante, que é diferencial, excluindo-se desse fato a referência absoluta.

10. O Outro não existindo, não há uma última garantia: o significante que garantiria o Outro da falta do Outro. Deus não saberia garantir o Pai. Não

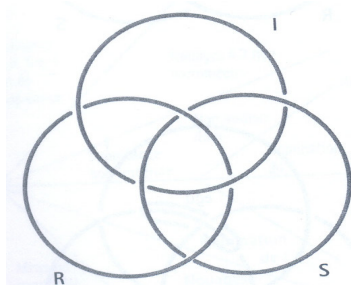
há o Nome-do-Pai, a menos que cada sujeito o coloque nesse lugar. Quer dizer, não há outra escolha a não ser passar (do Nome-do-Pai como garantia que não existe) à condição de se servir dele (de colocar sua função).

11. Conclusão: há estruturalmente a forclusão do Nome-do-Pai no sentido de uma medida comum "inata", "normal", mítica, que faria sustentar real, simbólico e imaginário juntos pelo viés do nó borromeano correto. Em resumo: a forclusão é regra: "Todos débeis", a debilidade é generalizada, o que introduz a clínica universal do delírio. Quer dizer também que a psicose é nosso estatuto originário, nosso estatuto "original", se posso dizer. Isso é menos reconfortante que o mito freudiano do Pai.

12. Consequência: cada sujeito, um por um, não tem outra escolha além de inventar sua própria solução para compensar essa falta estrutural e construir, como suplência, um modo de fazer sustentar junto o real, o simbólico e o imaginário. Mas uns não conseguem, é o que se passa no caso da psicose ordinária, e outros não se sustentam bem nessa bricolagem.

## II. O nó borromeano

É isso o que mostra a topologia do nó borromeano. O nó borromeano é um esforço para pensar a estrutura fora de uma referência ao Outro a partir dos três registros da experiência analítica, o real, simbólico, imaginário, como três registros heterogêneos.

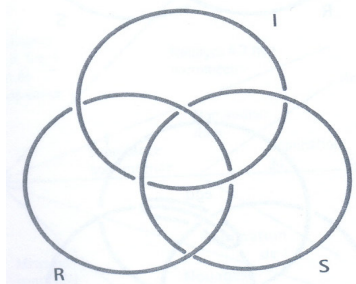


1. Na topologia dos nós, que Lacan desenvolve, o nó borromeano de três, figura a falta daquilo que não há – seria o Nome-do-Pai se ele existisse. O nó borromeano de três, solução perfeita, é sempre falho. Há foraclusão do nó borromeano enquanto Nome-do-Pai. É por isso que ele nos interessa. É preciso três elementos – R, S, e I – dois a dois disjuntos topologicamente e equivalentes para fazer o nó borromeano. No entanto, eles são quatro porque há o próprio nó borromeano. Cada um desses três elementos – R, S ou I – enoda os dois outros elementos e faz consistir o nó: cada um, como quarto implícito, porta a eficiência da amarração borromeana. A ruptura de qualquer um desenoda o conjunto.

2. Há efetivamente modos de falhar a amarração, assim como de suprir essa falha para sustentar juntos R, S e I. Então, há efetivamente os Nomes-do-Pai. Lacan demonstra, com a topologia, a necessária pluralização do Nome-do-Pai: se o Nome-do-Pai falha sempre, os Nomes-do-Pai são numerosos para suprir a falha.

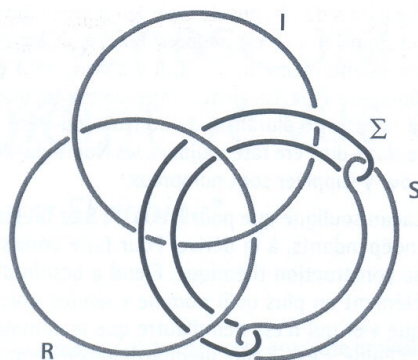
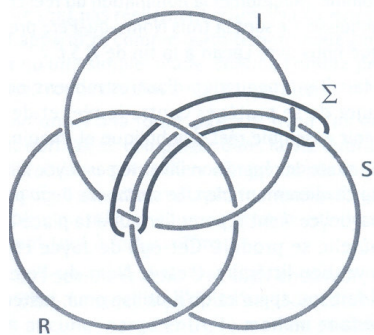
3. Lacan sublinha que, para Freud, R, S e I ficam independentes, a deriva. Para fazer consistir sua construção teórica, Freud precisou de um elemento a mais, que nomeou “realidade psíquica”, nada mais que o complexo de Édipo, ou seja, um quarto elemento que enoda esses três elementos independentes.<sup>1</sup>

É preciso então, ao menos um quarto elemento para suprir a foraclusão original e obter uma solução borromeana. No Seminário R.S.I, Lacan estabelece as suplências, os Nomes-do-Pai que restituem o nó borromeano de quatro: três tipos privilegiados de suplência, começando pelo sintoma.




---

<sup>1</sup> LACAN, J. *O Seminário, livro 22: R.S.I* (1974-1975), aula de 14 de janeiro de 1975. Inédito.



Vocês têm acima uma nova figuração do mesmo nó de quatro que ajuda a apreender melhor como esse quarto elemento supre um dos três, R, S ou I para restaurar um nó borromeano.

4. O quarto elemento é o que suplementa o simbólico de sua primeira função, a nomeação – que nomeia o real indizível. A suplência é precisamente o que responde ao S ( $\mathcal{A}$ ), ao desvanecimento do Outro, à falta de um significante, de um nome.

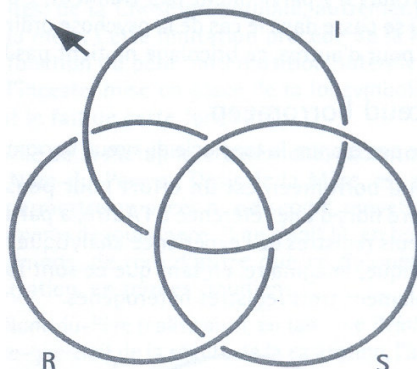
Geralmente, no nó de quatro, Lacan complementa, suplementa um dos três elos de sua primeira função, o *dar-nome*, a nomeação. Dito de outra forma, é no *dar-nome*, na nomeação, que reside a suplência, ou seja, o que responde ao desvanecimento do Outro.

Lacan pôde também propor “três formas do Nome-do-Pai, aquelas que nomeiam o imaginário, o simbólico e o real”<sup>2</sup>. “Apenas o simbólico tem o privilégio dos Nomes-do-Pai, não é obrigatório que a nomeação seja conjunta ao furo do simbólico”.<sup>3</sup>

À nomeação do simbólico como sintoma acrescenta-se também a nomeação do imaginário como inibição e a nomeação do real como angústia. Esses são os três primeiros Nomes-do-Pai que Lacan nos dá no final de R.S.I.

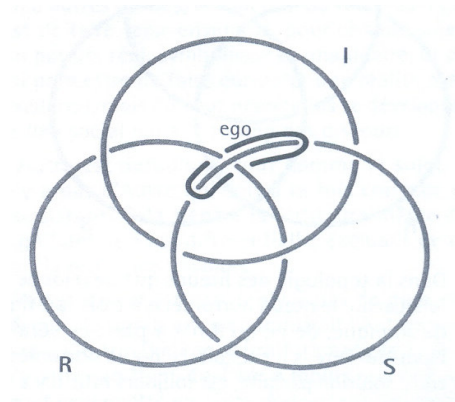
5. Mas existem outras maneiras de o sujeito se proteger contra o real e de sustentar junto real, simbólico e imaginário. O modo de reparação inventado por Joyce ilustra isso particularmente. O *sinthoma*, o ego produzido por Joyce, vem reparar o erro no próprio lugar onde ele é produzido. O *ego* de Joyce é uma invenção literária. É o Nome-do-Pai no qual ele se apóia e utiliza justamente para fazer um nome.

Com sua obra, com a ajuda da escrita em que o significante vem preencher o significado, ele fabrica o tecido imaginário que para ele não se sustentava no simbólico. Sua escrita nada mais é que seu tecido protetor, ela tem uma função reparadora, diz Lacan. A escrita de Joyce é seu véu protetor contra o gozo que resta fixado, incrustado em diferentes formas nesse tecido. Resta apenas uma solução “bricolada” que deixa traços, em que o enlaçamento do real e do simbólico não é menor.



<sup>2</sup> *Idem*, aula de 18 de março de 1975.

<sup>3</sup> *Idem*, aula de 15 de abril de 1975.

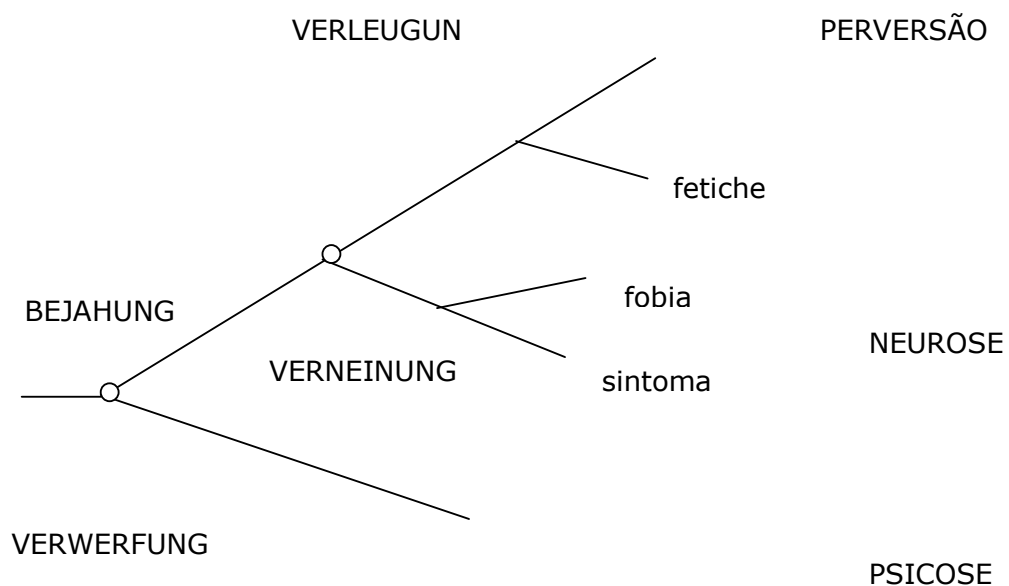


6. Mas há outros meios diversos para se tentar sustentar junto R, S e I; múltiplas formas de nós não borromeanos, de enlaçamentos que estabelecem uma continuidade entre R, S e I, e várias formas de “dar um jeito” ou de bricolages duvidosas que não se revelam sempre suficientes para proteger o sujeito do real e do gozo.

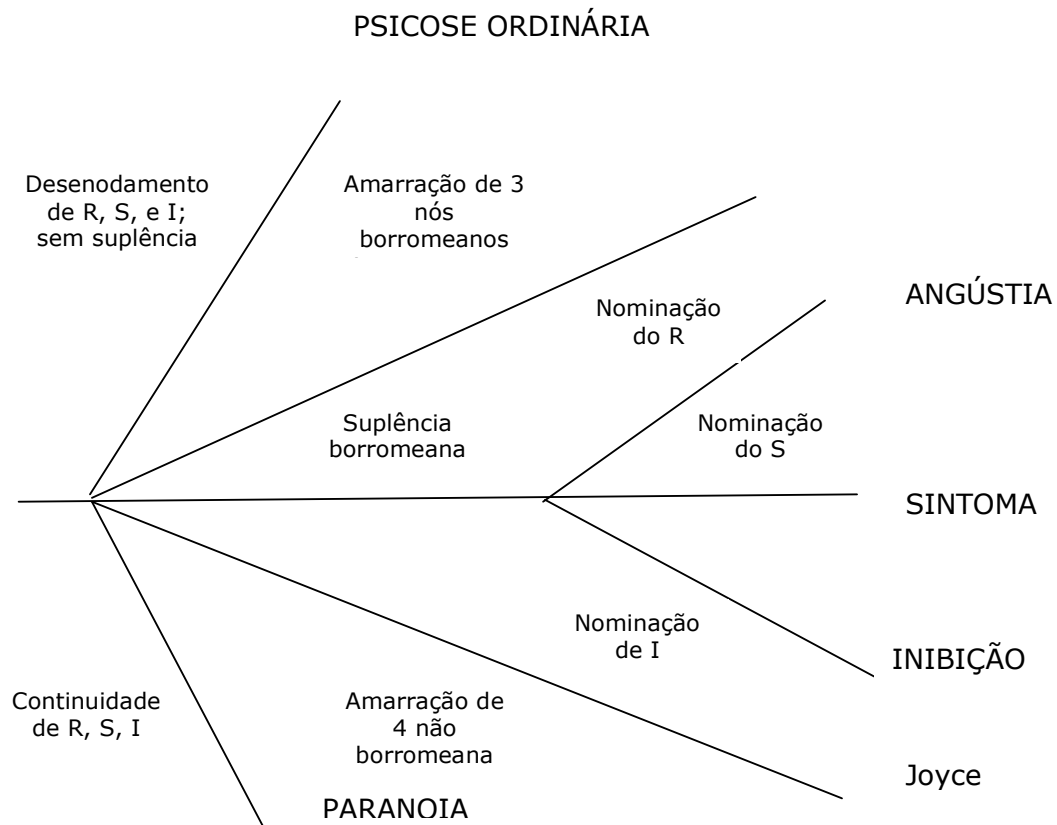
Isso nos conduz a reformular nossa clínica diferencial.

## II. Uma clínica diferencial renovada

### A clínica diferencial na “Questão preliminar”



## A clínica diferencial da topologia dos nós



### IV. A psicose ordinária

Na clínica diferencial que Lacan nos introduz, em vez de fazermos uma fina distinção entre neurose e psicose, temos uma série de variações na estrutura do nó de quatro, borromeano ou não, que dá conta às vezes das neuroses e das psicoses na acepção tradicional — aquela da “Questão preliminar” — como das psicoses não desencadeadas e também dos casos mais difíceis de classificar, em que as respectivas estruturas podem ser reveladas graças ao nó de quatro. Lacan nos fornece aí as bases de uma clínica diferencial completamente nova que falta ainda construir, uma clínica das suplências referidas ao nó borromeano.

A clínica mostra que a psicose ordinária, frequentemente, permanece desapercibida da família do sujeito, assim como de seus próximos. Até mesmo que esse sujeito era considerado normal, quer dizer “normal” até o aparecimento brusco dos distúrbios de comportamento.

Isso foi sublinhado graças às apresentações de pacientes realizadas durante vários anos por Lacan em Saint Anne, das quais Jacques-Alain Miller deu uma visão surpreendente no artigo publicado em 1997, no número 10 de *Ornicar?*, “Ensinaamentos da apresentação de pacientes”. Entre esses “loucos normais que constituem nosso ambiente”, de acordo com os termos de Lacan, entre esses sujeitos comuns que ele considerava como “normais”, ou seja, fundamentalmente débeis – como todos nós somos originalmente pelo fato estrutural do fracasso do Nome-do-Pai e da debilidade generalizada que é sua consequência – Lacan nos apresenta o caso de uma mulher. Jacques-Alain Miller nos faz ver, citando Lacan: “É bem difícil pensar os limites da doença mental. Essa pessoa não tem a menor idéia do corpo que ela tem para colocá-lo no vestido, não há uma pessoa para vestir essa roupa.” Ele acrescenta: “Seu ser é de puro semblante: suas identificações, por assim dizer, não precipitaram no eu (*moi*) qualquer cristalizador, portanto, nenhuma pessoa. Ela é débil, se a debilidade consiste em não se inscrever no discurso”. Mais ainda: “sem significantemente, e de uma só vez, nada que venha lhe dar alguma substância”.

Eu posso testemunhar isso, trabalhei com essa pessoa durante esse mesmo período; esse caso é exemplar. No cotidiano, no contexto profissional, ela tinha a aparência de uma pessoa comum, um pouco simples.

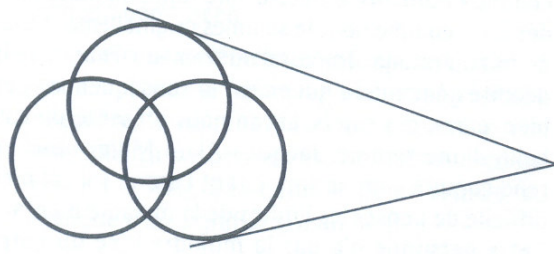
Embora R, S, e I não se sustentem juntos, não estejam realmente interligados, eles podem aparecer perfeitamente enodados, mas como uma simples imagem, como uma sombra projetada de três rodas disjuntas e superpostas.

Conformar-se à forma perfeita, a ter o ar absolutamente normal, a comportar-se na vida quotidiana sem problemas particulares, não implica amarração. Se eu puder ousar, utilizarei esta metáfora: algumas gotas de cola ou mesmo dois ou três pedaços de fita durex podem ser suficientes. R,

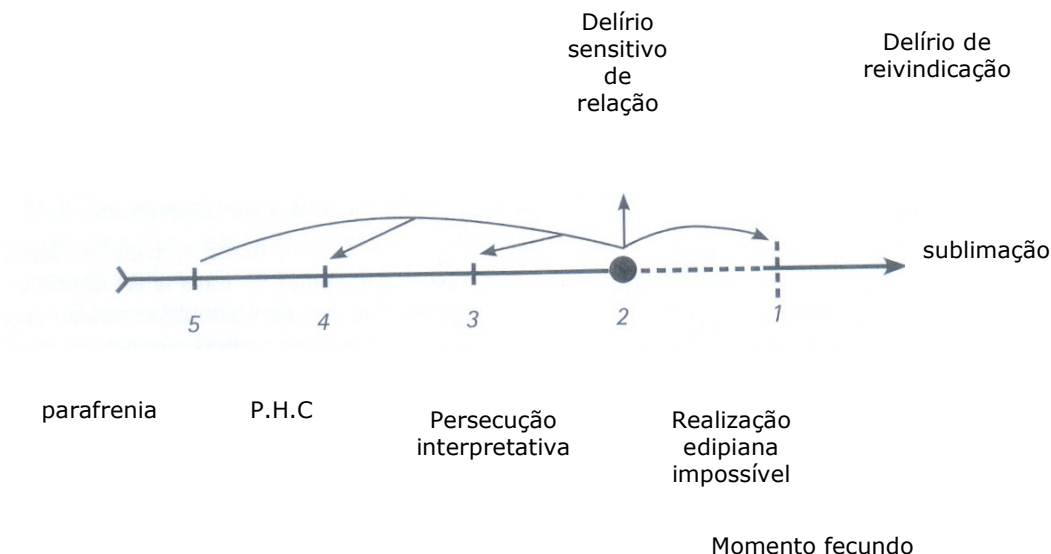
S e I parecem se sustentar bem juntos, até demais. O sujeito tem, às vezes, um aspecto excessivamente conveniente; não há qualquer margem entre o modelo socialmente esperado e a aparência do sujeito. Não vemos mais o sujeito, somente a aparência a qual ele se conforma.

Esse é um dos traços característicos da psicose ordinária, como a função de interposição limitativa e proibidora do pai não foi introjetada pelo sujeito, e talvez não foi mesmo reconhecida nem percebida, o sujeito encontra-se reduzido a fazer "como se", a ter uma aparência socialmente adequada. É essa aparência que constitui seu laço social.

Mas esta ilusão, geralmente, não pode durar muito tempo, nem resistir a uma situação realmente conflituosa. Esses sujeitos mostram-se de repente particularmente preocupados com o olhar dos outros sobre eles. A menor discordância no olhar outro sobre o sujeito é o mesmo que olhar do Pai que surge, e o sujeito desmorona.



Há um texto particularmente claro a esse respeito, "Complexos familiares", publicado em 1938. É o primeiro desenvolvimento feito por Lacan da clínica diferencial. Lacan mostra sobre uma escala os estádios e as formas do objeto, assim como os pontos de parada, e os coloca em comparação com as categorias clínicas correspondentes. Vejamos o esquema correspondente que devemos a Jacques-Alain Miller e encontramos no número 44 de *Ornicar?*



Tal esquema ajuda-nos a localizar a clínica a partir do objeto, a partir do estatuto do objeto do delírio. Lacan sublinha, em seu texto, que o objeto, esse semblante de objeto, é para o sujeito psicótico uma forma, e pouco importa que ela seja vazia.

É precisamente quando esse artifício formal, esse semblante, falta, não funciona mais, não se sustenta mais, que se produz o desencadeamento da psicose. Dito de outro modo, quando o objeto, enquanto real, faz irrupção, quando sua realidade faz efração, o semblante do objeto que suportava o sujeito se esvanece, então o próprio sujeito desmorona da sua posição imaginária, da posição que se esforçava para se adequar. Esse momento, como diz Lacan, é um ponto de reviramento.

A psicose surge quando o sujeito psicótico encontra de novo esse ponto onde surge a figura do Pai; ele já atravessou uma vez esse ponto sem prejuízo à medida que ele se comportava de acordo com a forma, com uma pura imagem que tinha feito como armadura.

Isso poderia evocar o personagem familiar dos desenhos animados que corre sobre uma falésia e continua a correr sobre vazio, até que qualquer acontecimento o faz se dar conta de que não tem mais solo sobre seus pés.

Citamos Lacan: "É nessa reprodução que desmorona o conformismo, superficialmente assumido, por meio do qual o sujeito mascarava até então o narcisismo da sua relação com a realidade".<sup>4</sup>

O sujeito fazia apenas semblante, fazia como se fosse capaz de sustentar juntos R, S e I. Mas, de fato esteve sob a prevalência do narcisismo e do objeto materno como meio de satisfação de seu desejo, rejeitando a instância idealizadora representada pelo pai. Quando a prevalência da forma cede diante do choque do reencontro com o objeto, é produzido o desencadeamento da psicose, precisamente, quando se revela, atrás do semblante de conformidade, que o Nome-do-Pai não teve lugar como instância idealizadora, autorizando a sublimação e permitindo a instauração de um laço social regulador.

Nas margens da obra de Lacan, ainda um jovem psicanalista, estão enunciados os traços característicos do que chamamos psicose ordinária, os quais encontrarão no final de seu ensino, com o desenvolvimento da topologia borromeana, uma iluminação estrutural brilhante.

Tradução: Simone Bianchi

---

<sup>4</sup> LACAN, J. "Os complexos familiares na formação do indivíduo". Em: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 69.